

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

IMPLICAÇÕES DOS CORPOS GENÊRIFICADOS: “NOVOS” MODOS DE SER ALUNO/A NO CONTEXTO ESCOLAR¹
IMPLICATIONS OF GENÈRIFIED BODIES:

Jane Denise Schürer Nyland², Maria Simone Vione Schwengber³

¹ Projeto de pesquisa de Mestrado em Educação nas Ciências - Unijuí

² Professora. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - UNIJUI.

³ Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências-UNIJUI.

RESUMO: O presente artigo objetiva compreender como os jovens apresentam suas identidades de gênero e de que modo os professores se relacionam (ou não) com tais. Assim, esta escrita desdobra de um trabalho de Mestrado que busca analisar as performances identitárias de gênero a partir de imagens de jovens do 2º ano do Ensino Médio de uma Escola Pública Estadual. A escolha parte deste “novo” perfil de jovens, que configuram no espaço escolar outras posições identitárias de alunos (outras performances de gênero), ressignificados por essa “nova” geração. Como resultados aponto que as posições identitárias dos alunos que se afastam dos estereótipos de gêneros sobre o que é considerado socialmente ideal produzem estranhezas entre alguns docentes, um certo embate, envolvidas por outras posições culturais e territoriais, como nos modos de vestir, de se posicionar, de opinar, relacionar-se com colega de outro gênero, mesmo com os pares.

PALAVRAS-CHAVE: Contexto escolar; Jovens; Identidades.

ABSTRACT: This article aims to understand how young people present their gender identities and how teachers relate (or not) to them. Thus, this writing unfolds from a Master's work that seeks to analyze the identitary performances of gender from images of youngsters of the 2nd year of High School of a State Public School. The choice is based on this "new" profile of young people, who configure in the school space other identitarian positions of students (other gender performances), redefined by this "new" generation. As a result, I point out that the identitarian positions of students who deviate from gender stereotypes about what is considered to be socially ideal produce oddities among some teachers, a certain clash, involved by other cultural and territorial positions, such as in dressing, positioning, to comment, to relate to a colleague of another gender, even with the peers.

KEYWORDS: School context; Young, Identities.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Não tem mais o mesmo corpo nem o mesmo comportamento; adultonenhum soube inspirar-lhes uma moral adequada. (...) Ele e ela não temmais a mesma genealogia.

(Serres, 2015, p.15)

Discorrer sobre as inquietações que permeiam o espaço escolar quanto à questão do reconhecimento das diferenças é um desafio, uma vez que o próprio conceito de diferença é condição que inscreve em outras formas de existência. A tentativa de correção das diferenças faz parte do ideal de igualdade cidadã, de políticas igualitárias como formas de reação aos processos históricos de produção. É imprescindível não considerar toda realidade brasileira de divergências e embates culturais e sociais que estamos vivenciando. Há muito que não destacávamos movimentos tão fervorosos envolvendo questões étnicas, econômicas, de gênero e sociais das mais variadas vertentes.

A questão do reconhecimento e direito à diferença instiga uma abordagem cada vez mais pontual, levando-se em consideração a evolução da heterogeneidade social. Ao nos reportarmos à história, precisamos nos projetar ao primeiro conceito de diferença, condicionado às condições financeiras e à questão racial. Sujeitos distintos pela sua cor (negros ou brancos) e classe social (escravos e nobreza). Com as modificações sociais contemporâneas emergem muitas e várias situações denunciadas através de questões sociais e comportamentais, trazendo à tona as mais diversas identidades.

O reconhecimento às identidades vem sendo pauta emergente de discursos institucionais, uma vez que estão estabelecidas na legislação governamental. A Constituição Federal (1988), Art. 3º, inciso IV assegura que “constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. A partir destes preceitos, pode-se elencar muitas conquistas sociais como da obrigatoriedade educacional, do direito ao voto, do acesso a escola regular aos sujeitos com deficiência, da inserção da mulher nos diferentes segmentos sociais, dos movimentos populares ampliando vozes nas ruas, na câmara e plenários.

Essa obrigatoriedade legal fez com que demais legislações assegurassem em seu teor, a o disposto na Constituição. A Lei de Diretrizes e Bases- LDB, de N. 9394/96 apresenta os princípios e fins da Educação Nacional que, no Artigo 3º, cita doze princípios básicos para o ensino, os quais se preocupam com a igualdade, a liberdade, o respeito, a tolerância no ambiente escolar. Da mesma forma, a Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 legisla sobre o respeito e a integridade da criança e do adolescente, de encontro com ao Estatuto da Juventude Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013 que assegura em seu Art. 2º O disposto nesta Lei e as políticas públicas de juventude são regidos pelos seguintes princípios (...) VI - respeito à identidade e à diversidade individual e coletiva da juventude. Em consonância com a legislação já mencionada, os PCN's foram elaborados com o

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

objetivo de garantir que sejam “respeitadas as diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas que atravessam uma sociedade múltipla” no sistema educacional.

O convívio entre professores e alunos pela minha experiência tem produzido a necessidade de pensar a prática pedagógica no que consiste em lançar um outro olhar sobre si mesmo, enquanto docente e sobre este Outro sujeito, numa forma flexível, includente, com reconhecimento destas novas identidades de gênero como complementares, uma vez que é no espaço escolar que estes encontros/desencontros se evidenciam. O discurso em torno deste novo perfil discente é recorrente. Não podemos tecer narrativas sobre estas novas identidades sem recorrer à história que nos contextualiza, sem considerar coações advindas da própria força dos acontecimentos e da intervenção dos sujeitos. As considerações de Serres (2015, p. 24) nos chamam a atenção para este panorama:

Na extremidade dessa fenda, temos jovens aos quais pretendemos ensinar, em estruturas data de uma época que eles não reconhecem mais: prédios, pátios de recreio, salas de aula, auditórios universitários, campus, bibliotecas, laboratórios, os próprios saberes...Estruturas que datam, dizia eu, de uma época e adaptadas a um tempo em que os seres humanos e o mundo eram algo que não o são mais.

O espaço escolar se caracteriza pela historicidade de seus docentes e discentes. São fatores e valores históricos num encontro diário com as novas gerações. Nóvoa (1994 apud SCHWENGBER, 2000, p. 236) quando se refere ao educador afirma que “não é possível separar o eu pessoa do eu profissional, sobretudo numa profissão fortemente impregnada de valores e ideais como a de ser professor. (...) As opções que cada um de nós faz como professor, cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar”.

Professores (as) e alunos (as) são constituídos por uma série de fatores sócio culturais que influenciam e direcionam suas ações diárias. Entretanto, são constituições em tempos, espaços territoriais e valores diferentes, o que desencadeia críticas unilaterais. Ao mesmo momento que docentes elencam uma série de fatores denunciando o conflito frente aos alunos, estes revidam questionando a ação docente diante da diversidade cultural e de gênero.

Vivemos momentos de grande inquietação diante da atual conjuntura social. Faz-se continuamente necessária a mudança da ação pedagógica para discernir as imposições da sociedade. Reorganizaram-se práticas pedagógicas no intuito de atender a obrigatoriedade da legislação, ações dos professores, metodologias de ensino, currículo, hoje reestruturado pela Base Nacional Curricular Comum, discussões e diálogos que se estenderam (em) com mais veemência nos últimos dez anos. Contudo, a mudança social e cultural foi mais vertiginosa. Enquanto se voltava o olhar para estes estudos, talvez tenhamos omitido o olhar sobre esse “novo” perfil de jovens.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Deparamo-nos com uma realidade que inquieta, aflige e nos obriga a assumir posições diante dos fatos. Bauman (2001, p.15) coloca que “hoje, os padrões e configurações não são mais ‘dados’, e menos ainda ‘autoevidentes’; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes”. O espaço pedagógico, permeado pela heterogeneidade social, étnica, cultural e de gênero é um território de poderes que se colocam frente a frente. Serres (2015, p. 23) ao se referir a este novo perfil de aluno, faz uma observância relevante:

Dito isso, resta, então, inventar novos laços. (...) Como um átomo sem valência, a Polegarzinha está desprotegida. Nós, adultos, não inventamos nenhum novo laço social. A iniciativa generalizada de suspeitar, de criticar e de indignar-se mais contribui para destruí-los.

Quando nos debruçamos sobre esta temática, percebemos que somos uma multiculturalidade necessitando aprender a conviver respeitando os limites e extensões de liberdade de cada um/a. Hoje somos uma diversidade imensa num só corpo, numa só sociedade e é neste sentido que Serres (2015) pondera que é necessário estabelecer um novo laço social a partir do respeito mútuo em meio às relações de poder instigadas pelo “outro”. Louro (1997, p. 59) destaca

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicados na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças. Atentas/os aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos nem usados – portanto, não são concebidos – do mesmo modo por todas as pessoas.

O contexto apresentado nos instiga a analisá-lo e o perfil de jovens no âmbito escolar a fim de problematizar as questões de reconhecimento quanto as identidades e performances de gênero que produzem um “novo” perfil de aluno (a). Analisar por que características e atitudes que fujam dos estereótipos sobre o que é considerado socialmente ideal causam estranhezas no contexto escolar, considerando que a ação pedagógica ainda carrega consigo mecanismos regulatórios e excludentes na formação das performances de identidades de alunos e alunas, todavia é uma temática imbricante. Apesar do contexto escolar ser o espaço no qual os jovens se relacionam rotineiramente, há de se convir que cada sujeito é marcado pela sua trajetória histórica, levando em consideração toda a bagagem cultural dos envolvidos.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Segundo Louro (1997, p. 53) “serão sempre as condições históricas específicas que nos permitirão compreender melhor, em cada sociedade específica, as relações de poder implicadas nos processos de submetimento dos sujeitos” e acrescenta “está implícita aqui, a ideia de que as identidades dos sujeitos não podem ser entendidas como fixas, estáveis, como “essências”. A convivência diária revela conceitos, posturas, escolhas que condicionam e orientam condutas e ações.

Neste artigo proponho problematizar as questões de reconhecimento quanto as identidades e performances de gênero que produzem um “novo” perfil de aluno (a), a fim de analisar por que características e atitudes que fujam dos estereótipos sobre o que é considerado socialmente ideal causam estranhezas no contexto escolar na relação entre professores (as) a alunos (as). Comportamentos, estilos e “pensamentos de verdades” são usados como argumentos de poder e de reconhecimento.

Assim, esta escrita busca analisar as performances identitárias de gênero a partir de imagens de jovens do 2º ano do Ensino Médio de uma Escola Pública Estadual, publicizadas nas redes sociais de alunos(as) no entendimento de que estes são produzidos de modo singular num ambiente coletivo, ao longo da história da humanidade, ressignificados em cada geração.

1. UMA RELAÇÃO DE APOSTA NO RECONHECIMENTO DAS DIFERENÇAS DE GÊNERO

Professores e alunos confrontam ideias e modos de ser. Serres (2015, p. 20) quando faz menção a esta nova representação de aluno (a), afirma que “eles não têm mais o mesmo corpo, a mesma expectativa de vida, não se comunicam mais da mesma maneira, não percebem mais o mesmo mundo, não vivem mais na mesma natureza, não habitam mais o mesmo espaço”, e prossegue dizendo que “enquanto os pais foram concebidos às cegas, seus nascimentos foram programados. Como a idade da mãe avançou dez ou quinze anos para gerar o primeiro filho, os pais dos alunos também mudaram de geração”.

Houve uma reorganização muito significativa na estrutura familiar, nas concepções de gênero, numa sociedade onde as questões políticas emergem dos mais diversos contextos, onde tudo culmina para a necessidade de identificar as mediações, os laços que unem e afastam as relações. Professores argumentam que as meninas se mostram mais reivindicadoras, mais hostis, menos delicadas, usam roupas provocantes, maquiam-se, almejam progredir socialmente, profissionalmente.

A postura simétrica de sentar, agora cede espaço à ousadia. Elas se familiarizam com as tecnologias, sobressaem-se nos esportes pela força, por habilidades até então somente reconhecidas e atribuídas ao gênero masculino. Garotas que não temem enfrentar os desafios da vida, disputar os espaços com os meninos na sala de aula, manifestam um jeito forte sem que seja necessário desprover-se da sensibilidade, abrir mão do “cuidar-se”, do afeto e do prazer. Querem

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

conquistar espaços até então masculinos, sem abrir mão de sua feminilidade.

Da mesma forma, emergem discursos sobre os meninos entre a classe docente, ressaltando novos estilos, onde a vaidade ganha forma no vestuário, no pentear e tonalizar dos cabelos, no uso de brincos e acessórios, no interesse por cuidar do corpo, buscando academias para delinear formas e músculos. Esses exemplos ajudam a pensar o quanto é comum, os professores atribuírem aos gêneros masculino e feminino uma certa mitologia comportamental.

Neste contexto, a escola para além de ser o espaço formal e sistemático de construção de conhecimentos, também se encontram os corpos marcados pelas posições de gênero, identidade e pelo Outro. Louro (2002, p. 125) nos ajuda a pensar o quanto “a passagem pelos bancos escolares deixa marcas. Permite que se estabeleçam ou se reforcem as distinções entre os sujeitos. Ali se adquire um jeito de ser menino e de ser menina”. Partimos do princípio que há uma estrutura social e uma complexa rede de relações, de experiências sociais que forjam as posições de sujeitos e produzem modos de ser. Nestas relações, professores obedecem motivos pedagógicos e institucionais, carregam as marcas da sua própria história, escrita em outro território e contexto social. Ainda a escola se encharca da tradição, onde determinadas práticas pedagógicas se perpetuam sem rupturas, que envolvem o professor, de certa forma, numa condição de segurança.

2. (DES) ENCONTROS NO ESPAÇO ESCOLAR

Do ponto de vista de Sacristán (2002, p. 71) “A cultura está em processo de mudança constante e, talvez, agora o faça mais rapidamente, o que deveria estimular discussões para ver como as escolas situam-se diante desses movimentos (...)”. Entendo que há uma certa tendência de homogeneização com os modos de ser alunos e alunas e que talvez ainda se mantém fechada a janela que dá acesso ao mundo contemporâneo em relação aos modos de ser dos jovens que os professores elegem a partir das suas representações de vida, de mundo, de valores, de ser masculino ou ser feminina.

A sociedade contemporânea oferece para os jovens diversas possibilidades de “vir a ser”, modos de viver, enxergar, sentir o mundo, mas quando a diversidade é acolhida causa estranhamentos, pois se busca constantemente acomodar os corpos dentro da mesmidade^[1] das normas prevalentes. É preciso reconhecer que os sujeitos não agem e reagem como planejamos, como queremos que sejam. Um dos maiores desafios da educação é a homogeneidade, pensar os alunos do ponto de vista da igualdade.

O espaço escolar precisa ser um lugar suscetível à escuta. Uma escuta que vibre com o outro como forma de resposta ao equilíbrio com o outro, propiciando um movimento da reconstrução a partir da proximidade da realidade do sujeito, criando tempos e espaços que acolham modos singulares de ser menino e menina, sabendo perfilar o imprevisível sem tecer julgamentos.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

É relevante trazer para a contextualização, o conceito de cultura, que vem sendo abordado ao longo da história humana, levando-se em consideração a evolução da heterogeneidade social no que tange a questão étnica, social e gênero. Com a modificação humana, surgiram muitas e várias situações denunciadas através de questões sociais e comportamentais. Ao longo do tempo, organizam-nos pelos conceitos culturais, posturas, homens e mulheres, semelhanças dos corpos, altos e baixos, esguios e obesos, loiros e morenos. Mas a singularidade clamou por espaço e estes movimentos se refletem com muita veemência no espaço escolar.

No intuito de compreender como os jovens apresentam suas identidades de gênero e posteriormente verificar de que modo os professores se relacionam com este “novo” perfil de jovens que configuram no espaço escolar, a escolha metodológica desta escrita desdobra de uma pesquisa de Mestrado que busca analisar as performances identitárias de gênero de jovens do 2º ano do Ensino Médio de uma Escola Pública Estadual. Desta forma, foram situados alguns critérios a fim de delimitar a escrita. Dentre estes, imagens do perfil do Facebook, uma menina e um menino, ter vínculo com turma, balizadour período de janeiro a abril de 2018. Essas questões auxiliaram na organização das imagens percorrendo as redes sociais dos alunos (as).

O recorte dessa unidade analítica a partir da pesquisa principal, traz como centralidade, com base no que já foi destacado anteriormente, problematizar as questões de reconhecimento em relação às identidades e performances de gênero e como estas se difundem na rede social digital. Importa discutir aqui como esse novo perfil de aluno (a) que causa estranhamentos no espaço escolar se apresenta fora deste território, para ajudar a pensar como se constituem estas identidades que exalam pela representação dos corpos.

Vejamos a imagem a seguir:

Figura 1: *PrintSreen do Facebook*

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa



Fonte: *Facebook*

A imagem acima aluna do 2º ano do Ensino Médio apresenta todo um modo de ser que clama por reconhecimento. É notório que essa geração está imersa num contexto que é o reflexo de todo um processo histórico de configuração social. Não nos cabe tecer juízos, mas sim atentar para os diferentes discursos, sejam da ordem da linguística ou do corpo. A corporatura apresenta a figura feminina na centralidade, uma vez que, ao se retratar diante do espelho evidencia os traços do corpo, contorcendo sua postura a fim de contemplar um ângulo que atenda aos desejos e intencionalidades que a imagem possa propagar a partir de sua sujeita. Difusão de uma identidade semanticamente carregada de anseios.

Essa postura feminina representada no *PrintScreen* é fruto de uma vasta gama de elementos constitutivos do sujeito. É preciso compreender que a questão cultural perpassa por vieses diferentes. É o resultado de políticas culturais da diferença, em torno de lutas da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos. Hall (2002, p. 338) coloca que “não devemos renegar nossa história, nem é esta a intenção, pelo contrário, apropriarmos-nos dela para desta nos fortalecermos enquanto pessoas singulares”.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

A busca pelo reconhecimento está centrada no sujeito, uma vez que a imagem socializada na rede social, também expôs intimamente o território que produziu aquele corpo, "(...) uma arte da existência que gravita em torno da questão de si mesmo, de sua própria dependência e independência" (FOUCAULT, 1985, p. 234). A self diante do espelho também reproduziu detalhes do quarto, o que não inibiu a socialização da imagem. Esse corpo feminino, garante um espaço de visibilidade perante um determinado público.

Quando propomos investigar o espaço escolar e o que nele permeia, adentramos numa área de tensão. Deparamo-nos com características que desencadeiam um embate geracional diante das transformações sociais e a um diferente estilo de viver. Uma resposta desta nova geração frente às realidades da sociedade e o respectivo *feedback* da vida das pessoas. Aproximemo-nos da imagem a seguir:

Figura 2 - Foto de Perfil do *Facebook*



Fonte: *Facebook*

A maneira de expressar estilos, pensamentos e condutas vão caracterizando o próprio sujeito.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Estilos demarcados por subjetivações que produzem estranhezas. Partimos da premissa de que há uma estrutura social e uma complexa rede de relações e experiências sociais que forjam as posições de sujeitos, produzindo modos de ser. As escolas e os (as) professores (as) se utilizam de diferentes repertórios para socializarem gêneros, apoiam-se no senso comum enos estereótipos dos modos de ser para operarem no espaço escolar.

A capacidade de conviver com a diferença, sem falar na capacidade de gostar dessa vida e beneficiar-se dela, não é fácil de adquirir e não se faz sozinha. Essa capacidade é uma arte que, como toda arte, requer estudo e exercício. A incapacidade de enfrentar a pluralidade de seres humanos e a ambivalência de todas as decisões classificatórias, ao contrário, se autoperpetuam e reforçam: quanto mais eficazes a tendência a homogeneidade e o esforço para eliminar a diferença, tanto mais fácil sentir-se à vontade na presença de estranhos, tanto mais ameaçadora a diferença e tanto mais intensa a ansiedade que ela gera. (BAUMANN, 2001, p. 135)

A afirmação de Bauman (2001) faz pensar que o sujeito, à medida que é convocado a sair de seu território de segurança, criado e alimentado por ele mesmo a partir de paradigmas e verdades, precisa romper com uma estrutura que acredita protegê-lo. Deparar-se com este outro sujeito, que não se amolda mais nos padrões estabelecidos historicamente é um acontecimento que mobiliza. Skliar (2003, p.39) corrobora dizendo que então, “nos sujeitamos a transformar a transformação esquecendo — ou melhor, negando — todo ponto de partida, adorando o turbilhão de uma mudança que faça da educação algo parecido com um paraíso tão improvável quanto impossível” e acrescenta “a mudança nos olha e, ao nos olhar, encontra somente uma reprodução infinita de leis, de textos, de currículos e de didáticas. Mas nenhuma palavra sobre as representações como olhares ao redor do outro” (SKLIAR, 2003, p. 40).

Considerando os subsídios que compõe o ambiente da figura 2, verifica-se que a self é uma ação frequente no espaço escolar e fora dele. Coletivas ou individuais, registram estas novas identidades a todo instante, o que é demarcado pela frequência com que são postadas nas redes sociais. Espaços e sujeitos são condutores destes novos perfis. Da mesma forma, os enunciados mediatizados junto à imagem carregam uma mensagem semântica, na tentativa de traduzir a intensidade de determinado tempo e espaço.

O enunciado da imagem - “A alegria não é algo que se inventa. É algo que se vive” - ajuda a pensar o que (re)produzimos enquanto docentes no espaço escolar. A carga semântica contida no enunciado e a particularidade da grafia, fazendo uso de abreviações instituídas pela linguagem virtual, reafirma a busca do sujeito por reconhecimento. Uma geração que não prioriza os anseios e expectativas materiais dos adultos.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

As postagens aqui apresentadas reafirmam o desejo de visibilidade, de reconhecimento, tanto de ordem feminino, masculino. Serres (2015, p. 49) postula que “a sala de antigamente morreu, mesmo que ainda a vejamos tanto, mesmo que só saibamos construir outras iguais, mesmo que a sociedade do espetáculo procure se impor. (...) Os corpos, então, se mobilizam, circulam, gesticulam, chamam, conversam, (...)”.

LONGE DE CONCLUIR

Reconhecemos que as relações no espaço escolar não são neutras: elas participam sutil e ativamente da construção das identidades de gênero e deste novo perfil de aluno(a) que tanto inquieta. O convite foi o de questionar discursos pré-concebidos, estereótipos que sutilmente permeiam nossas práticas a fim de permitir que possamos enxergar as múltiplas formas de ser menino e de ser menina que as categorizações de posições estereotipadas não nos deixam ver.

A identidade está intimamente relacionada à performance uma vez que é produzida e deve ser vivenciada nos espaços sociais, na busca do reconhecimento e pertencimento, embasadas nas relações de poder que permeiam sutilmente cada grupo social. A busca pelo reconhecimento de “vir a ser”,

Nesse sentido, pode-se pensar a escola como um espaço onde meninos e meninas se revelam nas vivências entre seus pares e na singularidade dos seus silêncios. Permitir que o sujeito se constitua em um ambiente livre de preconceitos a fim de avançar no reconhecimento pedagógico das relações exige ressignificar práticas pedagógicas e abdicar de certos paradigmas.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **A etnografia da prática escolar**. 16ª ed. Campinas: Papyrus, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BITTAR, Eduardo C. B. **Reconhecimento e direito à diferença**: teoria crítica, diversidade e a cultura dos direitos humanos. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/viewFile/67869/70477>> Acesso em 26/04/2018.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Brasília: Senado, 1988.

_____. **Lei 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes de bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília. DF, 23 de dezembro de 1996.

_____. **Lei Federal n. 8069**, de 13 de julho de 1990. ECA-Estatuto da Criança e do Adolescente. Diário Oficial da União. Brasília. DF, 16 de julho de 1990.

_____. **Lei 12.852**, de 05 de agosto de 2013. Disponível em: . Acesso em: 28 de abril de 2018.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):** introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: . Acesso em 28 de abril de 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados:** mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

_____. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora USP, 2000.

DAYRELL, J..A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, J. (Org.). **Múltiplos Olhares sobre educação e cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996, p.136 - 161.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, Edições Loyola, 2005.

_____. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

_____. **História da Sexualidade 3 cuidado de si.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

HALL, Stuart. **Da Diáspora - Identidades e mediações.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PAECHTER, Carrie. **Meninos e meninas:** aprendendo sobre masculinidades e feminidades. Porto Alegre. Artmed, 2009. 192 p. Tradução, consultoria e supervisão: Rita Terezinha Schmidt.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Educar e Conviver na Cultura Global:** as exigências da cidadania. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SCHWENGBER, Maria S. V. **Informação verbal.** Aula disciplina Escrita e Pesquisa, Unijuí: Ijuí, 2016.

SKLIAR, Carlos. **A educação e a pergunta pelos Outros:** diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros". Ponto de Vista, Florianópolis, n.05, 2003.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SERRES, Michel. **Polegarzinha:** uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

VIANNA, Cláudia Pereira. UNBEHAUM, Sandra. **O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002.** Cad. Pesqui. [online]. 2004, [online]. 2004, vol.34, n.121, pp.77-104. ISSN 0100-1574.

[1]SKLIAR, Carlos. Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí? Tradução de Giane Lessa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa